



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 06, pp. 56443-56447, June, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24596.06.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ACADEMIC EDUCATION FOR HEALTH PROFESSIONALS AND THE RELATIONSHIP WITH GENDER AND BIOTECHNOLOGIES: STRUCTURING AND STRUCTURED SOCIO-EDUCATIONAL ASPECTS

Guilherme Mocelin¹, Gabriele Zawacki Milagres², Jordana Kich³, Charlene dos Santos Silveira⁴, Vera Elenei da Costa Somavilla⁵ and Analídia Rodolpho Petry⁶

¹Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Mestrando, Enfermeiro; ²Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde | Mestranda, Enfermeira; ³Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Mestranda, Farmacêutica; ⁴Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Mestranda, Enfermeira; ⁵Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Docente do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Psicologia, Doutora; ⁶Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Docente do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, Doutora, Enfermeira

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th March, 2022

Received in revised form

27th April, 2022

Accepted 09th May, 2022

Published online 22nd June, 2022

Key Words:

Identidade de Gênero, Biotecnologia, Ensino.

*Corresponding author:

Guilherme Mocelin

ABSTRACT

Investigar através dos discursos de discentes das áreas da saúde, a importância atribuída por estes e pela Instituição de Ensino Superior, na formação acadêmica e pessoal no que tange a compreensão acerca de gênero e biotecnologias e seus impactos. O estudo caracteriza-se como qualitativo, exploratório e descritivo, o qual teve como local de coleta de dados, uma universidade brasileira e uma universidade espanhola, localizadas na região da Catalunha, Espanha e no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, respectivamente, com graduandos dos cursos da saúde. Para produção dos dados, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas e para análise dos dados, fez uso da técnica de Análise de Conteúdo. Quanto aos resultados, evidenciou-se nos discursos dos discentes o reconhecimento acerca das fragilidades sobre a temática gênero e biotecnologia na formação universitária, bem como a necessidade de maiores abordagens para contemplação de uma formação integral e capaz de atender às singularidades de uma sociedade múltipla em seus princípios. Outro ponto de suma importância acerca desse viés, diz respeito a capacidade de relação e conexão entre as duas temáticas, haja visto as potencialidades que essas percepções podem ser capazes de gerar nos sujeitos e para os sujeitos. Desse modo, compreende-se que a discussão da temática de gênero e suas formas de (re)condução para adequação entre mente e corpo - biotecnologias - carecem de largar e maiores abordagens no que tange um ambiente formador de profissionais da saúde, permitindo que estes possam ser mais sensíveis às diversidades e seus modelos de escolha.

Copyright © 2022, *Guilherme Mocelin et al.* This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: *Guilherme Mocelin, Gabriele Zawacki Milagres, Jordana Kich et al.* "Academic education for health professionals and the relationship with gender and biotechnologies: structuring and structured socio-educational aspects", *International Journal of Development Research*, 12, (06), 56443-56447.

INTRODUCTION

A comunidade denominada LGBTQIA+ engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e demais possibilidades de identidade de gênero ou orientação sexual (pansexual, não-binário e outros). O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais que se baseia nas diferenças percebidas entre os sexos, refletindo no comportamento que cada indivíduo tem na sociedade. A limitação e contenção destas possibilidades de expressão emergem de conceitos normativos acerca

da compreensão de gênero, que acabam estando centrados no que seria "adequado" em relação ao feminino e masculino, ou ser homem e ser mulher. Nesse sentido, o contexto histórico que influenciou a vida e a saúde destes indivíduos passou por inúmeras barreiras legais e sociais, principalmente de discriminação, sendo inclusive, tratados como acometidos por desordens patológicas (APA, 1974; PETRY, 2015; PETRY; MEYER, 2011; SILVA, 2020). Em um contexto onde as políticas neoliberais são vigentes na sociedade e as desigualdades são constantemente reproduzidas, a inclusão do debate acerca dos direitos humanos no âmbito acadêmico - em um processo educacional

que habilitará um indivíduo para o exercício de determinada profissão - é uma potencialidade para minimizar as atitudes de discriminação e preconceito, sendo inúmeras as questões eminentes a serem assimiladas e transformadas neste cenário (MAIA; ANTUNES, 2020). Dessa forma, os discursos de gênero podem ser articulados às biotecnologias no sentido de que as tecnologias médicas contemporâneas envolvam as relações sociais e não apenas a busca pela cura de doenças. O entendimento em relação ao gênero e as políticas públicas disponíveis para inclusão social são subsidiadas pelas biotecnologias disponíveis, sendo estas estratégias para a legitimação do indivíduo (PETRY, 2011; ROSE, 2011). Tendo em vista esta perspectiva, as biotecnologias e o discurso de gênero constituem uma temática com importante viés na formação acadêmica de profissionais da saúde. Na academia, é visto que conteúdos que abordam os aspectos relacionados ao público LGBTQIA+ são limitados ou até mesmo inexistentes, gerando falta de experiência e consequente dificuldade e desconforto no momento dos atendimentos. Assim, o acolhimento individualizado, centrado no paciente e a promoção da saúde destes indivíduos, acabam sendo negligenciados (BRENNAN *et al.*, 2012; ELIASON *et al.*, 2010; IMNA, 2011). De acordo com o exposto, o presente artigo tem por objetivo investigar através dos discursos de discentes das áreas da saúde, a importância atribuída por estes e pela Instituição de Ensino Superior (IES), na formação acadêmica e pessoal no que tange a compreensão acerca de gênero e biotecnologias e seus impactos.

MÉTODOS

Alicerçado nos preceitos qualitativos, exploratórios e descritivos, o presente estudo emerge de uma pesquisa maior, cognominada "Gênero e Biotecnologias - Interfaces entre discursos e instituições na formação de alunos dos cursos da área da saúde". A qual teve como local de coleta de dados, uma universidade brasileira e uma universidade espanhola, sendo esta localizada na região da Catalunha, Espanha e aquela no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Como critério de inclusão aos participantes da pesquisa se aplicam: ser estudante da área da saúde independentemente da idade e estar regularmente cursando a partir do terceiro semestre no momento da coleta, a qual aconteceu entre os meses de maio e setembro de 2018 (LACERDA; RIBEIRO; COSTENARO, 2018; MINAYO, 2014). A IES brasileira localiza-se no estado gaúcho a aproximadamente 155 km da capital Porto Alegre e possui uma população estimada de 132.000 habitantes para o ano de 2021, sendo que o número total de estudantes dessa instituição era de 11.715 para o ano de 2016 (IBGE, 2021; UNIVERSIDADE DE SANTA DO SUL, 2016). Por sua vez, a IES espanhola localizada na região da Catalunha, conta com aproximadamente 33.510 habitantes e tal instituição de ensino possui o quantitativo de 18 mil estudantes para o ano de 2020 (UNIVERSIDADE ROVIRA I VIRGILI, 2020). Para coleta de dados, de forma a possibilitar maior riqueza dos achados, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, a qual permite ao pesquisador maior aprofundamento no momento da coleta, bem como a observação dos pesquisados e cenário durante esse processo, fato de suma importância para concepção de pesquisas qualitativas. Essas entrevistas tiveram tempo médio de duração de 15 minutos, gravadas em áudio e transcritas fidedignamente. Após esse processo, com o intuito de manter o anonimato dos participantes atribuiu-se codinomes que faziam menção a inicial do curso de graduação ao qual estavam matriculados, seguido da numeração arábica, conforme o decorrer das entrevistas, como a exemplo: Enfermagem=E; Medicina=M; Fisioterapia=F entre outros, seguido de um número - 1, 2, 3 e assim sucessivamente. A nacionalidade do participante também foi identificada como: Brasileiro = BR e Espanhol = ES. As perguntas abordadas nas entrevistas continham assuntos que versavam acerca da formação sob a percepção da presente temática enquanto currículo e ambiente formador. Outras questões conduziam, ainda, as compreensões construídas sobre o viés de gênero e biotecnologias, atrelado a importância em fomentar discussões através desse escopo para a integralização dos sujeitos em sociedade e suas diferentes formas de expressão. Para analisar os achados do estudo fez-se uso do método de Análise de Conteúdo permitindo a apreensão e o

aprofundamento dos discursos dos discentes no que tange a formação e seu discernimento concernente às temáticas gênero e biotecnologias. Essa técnica permite, de forma dinamizada e lógica a organização e interpretação dos resultados, através da associação e aproximação dos achados, na condução de categorias temáticas de análise, intituladas: Reconhecimento, importância e fragilidades da temática na formação acadêmica e Compreensão da relação de gênero e biotecnologia: potencialidades e fragilidades (BARDIN, 2011). Atendendo aos preceitos éticos, ora vigentes em território brasileiro, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466/12 (BRASIL, 2013) o presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEP-UNISC) sob o parecer consubstanciado número 3.327.608.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil amostral: Em relação ao perfil amostral dos participantes do presente estudo, 113 foram os sujeitos de ambos os países - Brasil e Espanha - sendo 89 brasileiros e 24 espanhóis. Destes brasileiros, 52 autodeclararam-se de gênero feminino, com idades entre 20 e 42 anos, dos quais, 12 cursavam medicina, 15 odontologia, 35 enfermagem, 10 fisioterapia, 8 farmácia e 9 psicologia. Em relação aos participantes da pesquisa, cuja nacionalidade era espanhola, 17 autodeclararam-se do gênero feminino e em relação à faixa etária, esta oscilou de 21 a 41 anos. Quando indagados a qual curso estavam vinculados, por unanimidade foi a enfermagem.

Reconhecimento, importância e fragilidades da temática na formação acadêmica: Apesar da ascensão veiculada através das políticas sociais destinadas à comunidade LGBTQIA+, ainda são numerosos os desafios enfrentados por essa população na sociedade. Abordar o tema sexualidade humana permanece como um assunto bastante polêmico nos espaços de conversa, inclusive entre os acadêmicos, visto que para alguns o tema ainda é considerado e permeado como um tabu. Deste modo, os debates sobre orientação sexual, identidade de gênero e, até mesmo sexo, devem fazer parte do cotidiano, a fim de desconstruir os estereótipos e preconceitos existentes (CARDIN; MARTINS; RISSATO, 2019; SOBRAL; SILVA; FERNANDES, 2019). Fato evidenciado no discurso que segue, explicitando a pouca importância assumida diante da temática pelas IES e até mesmo pelos próprios estudantes, que resulta em desinteresse no assunto e pelo universo em voga:

[...] existe um tabu muito grande [...] nenhuma disciplina aqui traz muito esses conteúdos, principalmente de gênero [...] a gente não fala muito sobre isso. A gente fala que não deve haver preconceito, que a gente tem que ser mais neutro, por exemplo, para pessoas bissexuais, homossexuais, e tudo mais. (M3 BR)

Nesta perspectiva, entender que a diversidade cultural humana atravessa e é atravessada durante e enquanto o curso de formação profissional, faz parte de um modelo dinâmico e sensível às variações existentes em um modelo plural de sociedade e expressões de gênero. Comunicar-se capilar e positivamente com os múltiplos formatos, ora citados, permitem e corroboram com modelos (des)construídos de sociedade equitativa e igualitária, compreendendo que a educação faz-se uma importante e potente ferramenta para esse escopo, haja vista as falas de antemão explicitadas. Nota-se tal fato nos trechos de falas que seguem, onde os estudante verbalizam e reconhecem as necessidades de maiores e mais aprofundadas abordagens em sua formação sobre a pluralidade de gênero e os modelos de existência humana, tendo por vista às percepções, ora levantadas acerca das multifaces expressivas do homem em sociedade:

Eu acho que é extremamente importante, é muito pouco falado e nós temos que entender isso, entender para poder auxiliar [...] com menos discriminação, preconceito, então acho que isso é fundamental. [...], porque a gente fala de abordagem ao homem, a mulher, a criança, ao idoso e ninguém fala como a gente deve fazer aos homossexuais. (E7 ES)

[...] se a gente não tem muito conhecimento sobre isso, a gente não consegue se posicionar [...] no atendimento a um paciente ou no contexto que tu vais estar inserido no âmbito profissional. (P1 BR)

Os acadêmicos também referem que as reflexões, quando presentes, ocorrem logo no início da vida acadêmica, sendo desvalorizadas na ocasião, pois justamente nesse período, os mesmos estão mais interessados em aprender a parte clínica das patologias e pouco focam nas pertinências sociais e relações dos seres humanos. Entretanto, com o passar dos semestres e com a chegada dos estágios e aulas práticas entendem a importância de adequar as construções teóricas nos atendimentos efetivados e nas teorias de sala de aula:

Pois é, eu acho bem importante na questão da nossa formação [...] discutimos bastante essa parte de gênero lá nos primeiros semestres, mas acredito que seja bem importante para conseguir entender um pouco da realidade do paciente, tipo aqueles conceitos de empatia e tal. Quando tu começa a discutir isso na faculdade, lá nos primeiros semestres é uma cadeira que a gente acaba não dando muito valor, porque tu quer saber mais clínica, quer saber mais patologias e tu acaba achando que não é muito necessário, mas depois ao longo do tempo tu vais percebendo que tem um valor discutir isso lá no começo, embora seja um pouco chato, seja um assunto polêmico, delicado, eu acho que tem seu valor discutir para nossa vida futura, acho que vale a pena. (M11 BR)

Com essa percepção, evidencia-se que a integração das questões inerentes ao gênero devem acompanhar todas as etapas do processo de formação. Estudar os conceitos e visualizar os problemas vividos pela população LGBTQIA+, oportuniza a ruptura de paradigmas sociais, além de possibilitar maior acessibilidade e qualidade de vida sem distinção (CORREA; SEPULVEDA, 2021). Estar atento a essas demandas é fundamental para o desenvolvimento profissional e para a implementação de ferramentas de trabalho que visam respeitar as singularidades e pluralidades do ser humano em suas decisões e escolhas para a vida e pela vida (SILVA; PAULINO; RAIMONDI, 2020). A formação universitária, permite aos estudantes a construção de pensamentos e raciocínios científicos, somados aos valores culturais já carregados enquanto vivência familiar e social. Lidar com as diferenças e formatos flexíveis, contribuem para uma vida em sociedade mais igualitária e de menor preconceito. Embora sejam fortemente levantadas as bandeiras de modelos educativos mais flexíveis, estudos evidenciam e reforçam os presentes achados, onde em salas de aulas, poucas ou nulas são as vezes que se abordam sobre a temática plural de gênero (SANTOS et al., 2021). Os discursos abaixo reforçam estas lacunas e somam com as evidências científicas:

A gente não teve nada no curso com relação a isso. (F1 ES)
Eu não sei muito sobre, porque ao longo do curso não foi muito tratado. (E6 ES)
[...] eu lembro de uma professora de antropologia que é da área social que trouxe mais essas questões pra gente, mas fora ela nenhum outro falou muito sobre o assunto. (P1 BR)

Este desamparo ao longo da formação, instiga e de certo modo obriga os estudantes a buscarem informações além da sala de aula - isso não é entendido pelos autores como uma coisa ruim, entretanto é sabido que esse assunto carece de abordagens dentro das universidades para que sejam trabalhados através de conteúdos programáticos, evitando que se construa aquém dos modelos educacionais -, visto que a sociedade e as relações (inclusive as profissionais) exigem o mínimo de compreensão a respeito do tema. O que fica evidente e é demonstrado no excerto que segue:

Na minha formação, a gente não discute muito sobre o assunto. O conhecimento que eu tenho sobre o assunto é de materiais fora que eu acabo lendo ou da internet, dos aplicativos das redes sociais que a gente acaba lendo, notícias, enfim, mas na graduação não se fala muito sobre isso. (P3 BR)

Os perigos que cercam os ambientes ausentes de diálogos diversos, culminam em reforçar os preconceitos e formas de opressão diante dos sujeitos, haja visto que os ambientes educacionais trazem consigo importantes papéis políticos, sociais, socializantes e diversificados em sua base. As responsabilidades com a formação de novos profissionais da saúde encontram-se intimamente correlato com os compromissos de uma sociedade justa e humanizada em suas formas expressivas e seus preceitos integrais de ausência de preconceitos e formas violentas de verdades únicas (OLTRAMARI; GESSER, 2019). A unidirecionalidade pensante e autoritária, faz emergir discussões que se comunicam com formas retrocedentes enquanto convivência em grupos, estimulando a intolerância para com as diferenças e alargando as desigualdades de gêneros e suas vulnerabilidades. Os sujeitos inseridos nesses modelos de poder e saberes, sofrem as consequências de um sistema que revertem os impactos na população (des)assistida. Doravante, é possível compreender-se que, quanto maiores forem os obstáculos enfrentados pela educação na busca de um modelo social justo e igualitário, não apenas de gênero, faz-se indispensável e intenso a utilização da dialética e o fortalecimento de seus pares para a melhor resolutiva de uma problemática. Considerando o cenário, os sujeitos e às relações, ora estabelecidas e sofridas, diante de um modelo pós-estruturalista capaz de observar sob distintas lentes a singularidade de cada ser em formação e formado (PAULA, 2020; FOUCAULT, 2020). Quando lacunas são formadas, espaços de fragilidades estruturais e estruturantes podem se formar e, essa formação permite que diante da abrangência desta discussão, levante e tome força os conceitos de vulnerabilidade e preconceitos que proporcionam uma reação em cadeia de eventos pouco positivos, ou seja, quando assuntos são escanteados, o foco do cuidado singular resulta em modelos frágeis tanto assistenciais como assistivos. Filosoficamente o termo vulnerabilidade é comumente aplicado na natureza humana e representa a existência de uma condição que salienta a fragilidade e a susceptibilidade do ser humano, podendo afetar a realidade de um único sujeito ou de uma sociedade (CARMO; GUIZARDI, 2018). Autores como Moraes e Monteiro (2017) discorrem sobre as múltiplas formas de vulnerabilidade e demonstram que a dinâmica dos eventos depende do contexto de vida, pois este pode contribuir com a elevação ou minimização da mesma. Assim, os aspectos culturais, políticos, econômicos, ambientais, geográficos, religiosos, educacionais e biopsicossociais são componentes que tendenciosamente expõem o indivíduo ao risco, refletindo em um determinado estado de vulnerabilidade, seja ele temporário ou permanente. A priori, o tratamento preconceituoso e a discriminação de qualquer título potencializam a vulnerabilidade do indivíduo e sociedade, edificam barreiras de acesso aos serviços e favorecem o adoecimento, principalmente no âmbito psíquico. Os atos discriminatórios e os diversos tipos de preconceito são percebidos no mundo todo, contudo, muitas vezes agem de forma velada (ACEVEDO et al., 2018), como é notório nas falas a seguir:

[...] não como pessoa, mas como profissional, porque às vezes como pessoa a gente tem opinião, mas no profissional a gente tem que acolher o outro [...]. (P4 BR)
Profissionais dentro do serviço muitas vezes não aprovam alguns procedimentos, sendo contra esse público, sendo contra a questão de gênero [...] são a favor de que a pessoa nasceu homem é homem nasce mulher é mulher, então essa questão de gênero eles não aceitam. [...] isso começou a aparecer mais agora de um tempo pra cá, tá surgindo mais né, esse público tá aparecendo mais. (P6 ES)

Nas experiências narradas acima, foram percebidas diferentes facetas do preconceito de gênero, demonstrando a necessidade de um compromisso permanente, inclusive no processo de preparação acadêmica para que seja possível modificar essa frágil realidade, formando profissionais conscientes e responsáveis socialmente, que batalham pelo direito à livre escolha de identidade, pelo respeito ao indivíduo e pela busca de um contexto diferenciado e melhorado (KONDER, 2018).

Compreensão da relação de gênero e biotecnologia: potencialidades e fragilidades: Com constância busca-se a perfeição em ambientes de trabalhos e a educação, faz-se fator indissociável dessas percepções e condições almejadas. Todavia, compreender que a abordagem de atendimentos e compreensões singulares de sujeitos se articulam, ainda enquanto um processo de formação humana e profissional, conduz os pares em processo de formação à melhores percepções diante das diferenças que, doravante, venham a ser observadas em locais de atuação como futuros profissionais da saúde. Nota-se na fala do participante que segue esse modelo sensível quanto a importância de tais abordagens:

É nossa profissão então tu tens que conseguir compreender as particularidades de cada pessoa, subjetividades de cada um que é diferente, ninguém é igual, cada um tem as suas diferentes formas, diferentes modos, tu vai falar com uma pessoa que tem X gênero e a outra que tem X gênero igual, e tu vais ver que são pessoas totalmente diferentes que tem uma conotação totalmente diferente que veem as coisas diferentes, que pensam diferente, porque ninguém é igual, mesmo que passam por situações idênticas ao nosso ver, vão passar por aquela situação de formas diferentes. Então a gente vê muito isso, a gente tá diariamente envolvido com o ser humano [...]. (P3 BR)

Dentre as inúmeras fragilidades acerca da temática, a articulação das biotecnologias com saúde e gênero também se destaca, sendo muito rasa e desconhecida nos seus aspectos vinculados à prática na área da saúde, conforme discorrido posteriormente:

Até então não, na área não. Já tive alguns conhecimentos sobre biotecnologia, mas foi coisa tipo em palestra, essas coisas assim na formação médica ainda não. (M6 ES)

[...] Eu acho que na questão gênero-biotecnologia, acho que as tecnologias [...] como eu posso colocar isso junto, eu não to conseguindo achar um conceito. (P3 BR)

[...] Apesar de eu ver que gênero e biotecnologia parecem que estão juntas, então eu tenho que ter ouvido isso em algum momento, porque na minha mente gênero e biotecnologia tem algo na questão da vida da tecnologia estaria associado, eu não to conseguindo encontrar. (P3 BR)

É que fica difícil pra mim te responder, porque eu não sei a definição de biotecnologia, [...] não sei como é pensado essa palavra, então fica difícil pra mim articular, quando eu não entendo. (P6 ES)

As evidências ainda apontam que os participantes, quando têm conhecimentos acerca dos assuntos em voga - gênero e biotecnologias -, não possuem sensibilidade para os correlacionar e assim sendo também produzem fragilidades nas esferas assistências do cuidado humano. O raciocínio crítico e fluido entre a teoria e a prática capaz de articular conexões capilares e capazes a tocar todas as extremidades de uma face, são potentes e desafiadores entraves que travam a equidade contemporânea (MENDONÇA, 2020). Entender os conteúdos teóricos e aplicá-los de forma prática são diferentes cenários que carecem de longas e aprofundadas discussões para obtenção de resultados positivos aos pares envolvidos (Mendonça, 2020). A tradução desse conhecimento em construção é um importante e também provocador momento para os novos profissionais em formação, pois é através destes que a população será atendida diante de suas singularidades, fragilidades e potencialidades (ANDRADE; PEREIRA, 2020). A fluidez com que as coisas se (des)constróem hodiernamente nos convidam a (re)pensar os modos operantes diante de cada conotação de realidade (BAUMANN, 1999). Estar sensível a estas variantes, nos permite compreender melhor as escolhas singulares de cada sujeito e também, contribuir para a (re)estruturação de locais pluriculturais, que sejam contrários às formas de preconceito e violência. A educação se apresenta como uma ferramenta de imensurável potência sob essa perspectiva, haja vista, a força que ela ganha na condução crítica e na formação de caráter dos sujeitos, entendendo que, embora algumas situações possam ser vistas como centrífugas pelos valores culturais estruturantes e estruturados, nada lhes assegura o direito de atentar

contra a integridade física, moral e social destes (MUZZATTO; SILVA, 2021). Diante das informações disponíveis na contemporaneidade, a ampliação de conhecimento precisa acontecer, independentemente do grau de instrução ou categoria profissional, devendo abranger para além da formação em saúde. Através desse viés, será possível aproximar o cuidado integral e singular do indivíduo à prática e incorporar as necessidades de acordo com a realidade, indo ao encontro dos princípios, ora firmados, no Sistema Único de Saúde (SUS) (MELO; SOBREIRA, 2018).

Considerações Finais: Atravessando e atravessado pelos discursos dos discentes das áreas da saúde, nota-se que apesar do discreto progresso na luta pela igualdade de gênero existem lacunas que tornam a evolução desafiadora, uma delas está relacionada com o processo de educação voltado principalmente às IES que exercem papel fundamental no desenvolvimento profissional e a outra diz respeito ao preconceito enraizado e as crenças discriminatórias presentes na sociedade. Em síntese, as instituições de ensino são o alicerce para a construção e mobilização de conhecimento, entretanto, àquelas que possuem formação em saúde têm a difícil tarefa de solidificar características profissionais que são indispensáveis na prática de uma assistência de qualidade, dentre as quais: olhar humanizado, o agir com ética e ser equânime. Desta forma, as IES devem adotar modelos flexíveis que respondam de maneira eficiente às demandas da população e necessitam ampliar as abordagens acerca dos assuntos de gênero e biotecnologias, a fim de considerar as necessidades sociais contemporâneas e modificar a realidade de alguns acadêmicos (futuros profissionais) que ainda se apoiam em julgamento moral de caráter pessoal, tabus e preconceito. Um dos pontos positivos em torno desta discussão, retrata a preocupação de uma parcela dos estudantes em buscar por meios próprios informações sobre as questões de gênero, sexualidade e biotecnologias, salientando que o valor atribuído ao assunto não deve partir unicamente das instituições formadoras, mas ser um exercício permanente na vida de todo o ser humano, em particular daqueles que atuam promovendo saúde. Isso demonstra que as reflexões concernentes ao bem-estar da comunidade LGBTQIA+ não se limitam apenas ao período da graduação, já que o profissional da saúde que atua na prática assistencial e reconhece a importância de um atendimento qualificado, deve buscar compreender continuamente as relações, de modo a desmistificar a problemática associada aos formatos de discriminação que envolve o contexto social de cada sujeito. Através dessa perspectiva, é preciso ponderar sobre o aprimoramento de políticas públicas de saúde bem como de formação acadêmica, incluindo o reconhecimento dos fatores relacionados com a vulnerabilidade, considerando a justiça social, a integridade, a educação e os direitos humanos fundamentais, afim de produzir medidas preventivas que possam diminuir toda e qualquer situação que torna o indivíduo vulnerável, auxiliando no combate contra todas as formas de preconceito e discriminação. Além disso, sugerem-se novos estudos com abordagem e cenários distintos acerca da temática - gênero e biotecnologias -, de modo a permitir compreensões e discussões estimuladoras de pensamentos críticos e flexíveis às escolhas dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, C. R. *et al.* Preconceito velado: a nova forma de estereotipar a mulher. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 83-94, 2018.
- ANDRADE, K.R.C.; PEREIRA, M.G. Tradução do conhecimento na realidade da saúde pública brasileira. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, SP, v. 54, n. 72, p. 1-7, 2020.
- APA. *American Psychiatric Association. Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington DC: American Psychiatric Association, 1974.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BAUMANN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. 1. ed. São Paulo: Zahar, p. 152, 1999.

- BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF, jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- BRENNAN, A. M. *et al.* Lesbian, gay, bisexual, transgendered, or intersexed content for nursing curricula. *Journal of Professional Nursing*, Estados Unidos, v. 28, n. 2, p. 96-104, 2012.
- CARDIN, V. S. G.; MARTINS, I. G.; RISSATO, G. M. Do discurso do ódio contra a liberdade sexual de pessoas LGBT. *Revista Pensamento Jurídico*, São Paulo, SP, v. 13, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 2019.
- CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. The concept of vulnerability and its meanings for public policies in health and social welfare. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, RJ, v. 34, n. 3, p. 1-14, 2018.
- CORREA, R.; SEPULVEDA, D. A importance of discussion on gender and sexualities in schools: combating misogynistic and LGBTI phobic conservative practices. *Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, Juiz de Fora, MG, v. 23, n. 2, p. 278-296, maio/ago. 2021.
- ELIASON, M. J. *et al.* Nursing's silence on lesbian, gay, bisexual, and transgender issues: the need for emancipatory efforts. *Advances in Nursing Science*, Philadelphia, EUA, v. 33, n. 3, p. 206-218, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Filosofia e biopolítica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições 70, p. 120, 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*, Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- IMNA. Institute of Medicine of the National Academies. *The health of lesbian, gay, bisexual, and transgender people: building a foundation for better understanding*. Washington, DC: National Academies Press, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK64806>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- KONDER, C. N. P. The range of the right to a personal identity in Brazilian civil law. *Revista Pensar*, Fortaleza, v. 23, n. 1, p. 1-11, jan./mar. 2018.
- LACERDA, M. R.; RIBEIRO, R. P.; COSTENARO, R. G. S. (Org.). *Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática*. 2. ed. Porto Alegre: Moriá Editora, 2018.
- MAIA, A. R.; ANTUNES, D. C. Educar contra o preconceito e a discriminação na Universidade: há lugares para os direitos humanos? *Revista Interdisciplinar dos Direitos Humanos*, Bauru, SP, v. 8, n. 1, p. 45-63, jan./jun., 2020.
- MELO, T. G. R.; SOBREIRA, M. V. S. Gender identity and sexual orientation: literary Perspectives. *Revista Temas em Saúde*, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 381-404, 2018.
- MENDONÇA, Paula Cristina Cardoso. What Knowledge of the Nature of Science We Are Talking About? *Revista Ciência & Educação*, Bauru, SP, v. 26, n. e20003, p. 1-16, 2020.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC, 2014.
- MORAIS, T. C. A.; MONTEIRO, P. S. Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética. *Revista Bioética*, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 311-319, 2017.
- MUZZATTO, E. M.; SILVA, F. S. C. Educação para a cidadania democrática: desafios, impasses e perspectivas. *Revista Educação*, Porto Alegre, RS, 44, n. 1, p. 1-15, 2021.
- OLTRAMARI, L. C.; GESSER, M. Education and gender: student stories from the Gender and Diversity course in School. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 27, n. 3, p. 1-14, 2019.
- PAULA, Ana Paula Paes de. Approximations between Michel Foucault and the Frankfurt School: for a radical post-critical perspective to organizational studies. *Revista Organizações & Sociedade*, Bahia, BA, v. 27, n. 95, p. 705-725, 2020.
- PETRY, Analidia Rodolpho. Mulheres transexuais e o Processo Transsexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, RS, v. 36, p. 70-75, 2015.
- PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, RS, v. 10, p. 193-198, 2011.
- ROSE, Nikolas. Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital. In: SANTOS, L. H. S.; RIBEIRO, P. R. C. R. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida*. Rio Grande, RS, 2011. p. 13-32.
- SANTOS, T. Q. *et al.* Discussing gender in the education of health researchers: a report on experience. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, SP, v. 25, n. 4, p. 1-11, 2021.
- SILVA, J. M. N.; PAULINO, B. D.; RAIMONDI, G. A. Gender and Sexuality in Brazilian Public Health under graduation. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, RJ, v. 25, n. 6, p. 2335-2346, jun. 2020.
- SILVA, Sandro Gorski. Da invisibilidade à pavimentação dos direitos humanos LGBTQIA+: um diálogo entre as conquistas históricas e a consolidação de direitos. *Revista Brasileira de Pesquisa Jurídica*, Avaré, SP, 2020.
- SOBRAL, H. S.; SILVA, M. L. V.; FERNANDES, S. C. S. Homophobia: What does Brazilian Psychology Have to Say? *Review Article*. *Revista CES Psicologia*, Colômbia, v. 12, n. 3, p. 20-34, 2019.
- UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL. Número de estudantes, 2016. Disponível em: <https://www.unisc.br/pt/home/a-universidade>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- UNIVERSITAT ROVIRA I VIRGILI. Número atual de estudantes, 2020. Disponível em: <https://br.educations.com/study-abroad/university-of-rovira-i-virgili/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

KOLIJANUR
